

**DEPUTADO PEDRO GOMES**  
**DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS SOCIAIS**  
**INTERVENÇÃO – 01ABR2009**

**Senhor Presidente**

**Senhores Deputados**

**Senhor Presidente**

**Senhores Membros do Governo**

A Assembleia Legislativa dos Açores debate o décimo-terceiro Plano e Orçamento da responsabilidade do Partido Socialista e dos seus governos de maioria absoluta.

Este não é mais um Plano e Orçamento de princípio de legislatura, mas sim o primeiro Plano e Orçamento do fim da governação socialista dos Açores.

Ao longo dos últimos doze anos, os governos socialistas dispuseram de condições de governabilidade para executarem as suas políticas.

Houve estabilidade parlamentar, mas faltaram estratégias de desenvolvimento.

Sob a governação socialista, os Açores gastaram muito, mas enriqueceram pouco.

Temos, hoje, mais obras públicas do que há doze anos e continuamos pobres, com um PIB de apenas 68% da média da União Europeia.

Os Açores desenvolvem-se a duas velocidades, com as ilhas mais pequenas, de economias mais frágeis, a ficarem para trás.

O desenvolvimento harmónico dos Açores, de todas as suas parcelas - de Santa Maria ao Corvo - é colocado em causa pela governação socialista que falha, onde só o sucesso é aceitável.

Os governos socialistas já não têm desculpa para terem governado mal os Açores.

O PS, que levou os últimos anos a desculpar-se com a longínqua governação do PSD, tem de ser confrontado com o seu próprio passado de doze anos.

O voto popular confere legitimidade democrática a quem governa. Não apaga os erros de quem tem o dever de governar bem.

Basta de fingir que os insucessos governativos se devem aos governos do PSD.

Basta de fingir que o PSD é o culpado pela incapacidade política dos inúmeros Secretários Regionais dos governos do PS.

Basta de fingir que tudo o que corre mal nos Açores se deve à liderança do PSD, que tanto perturba os dirigentes socialistas.

O PS está no governo, mas especializou-se no discurso da oposição à oposição.

De ano para ano, de Plano para Plano, o PS disfarça as promessas não cumpridas e sempre repetidas, atrás dos anúncios cintilantes que emolduram o *marketing* oficial.

O Plano e Orçamento para 2009 não foge à regra, comprovando que um quarto Governo socialista é sempre pior do que o primeiro.

**Senhores Deputados**

**Senhor Presidente**

**Senhores Membros do Governo**

Num tempo de crise global a que, infelizmente, os Açores não escapam, o Plano e o Orçamento para 2009 e as Orientações de Médio Prazo 2009/2012 não se mostram suficientes para responder aos problemas da sociedade açoriana.

O Governo Regional é tímido nas soluções e pouco ousado nas propostas.

O Governo Regional chegou atrasado ao combate à crise. Começou por negá-la, num primeiro momento, para a desvalorizar logo de seguida.

O Presidente do Governo Regional precisou, mesmo, de ser recebido pelo Presidente da República para reconhecer que a crise já tinha chegado ao Açores, arrastando consigo desemprego e falências de empresas.

Num tempo de exceção, exige-se dos Governos agilidade política, capacidade de decisão, responsabilidade social, coragem e determinação.

Qualidades de há muito ausentes da governação socialista e longe, muito longe, do Plano e Orçamento para 2009.

Durante a última campanha eleitoral, o Presidente do Governo e líder socialista afirmou e repetiu o *slogan* "que bom é ser açoriano", querendo, talvez, dizer "que bom é ser açoriano e ... socialista".

Os Açorianos das ilhas mais pequenas dos Açores não dizem "que bom é ser açoriano", quando pagam passagens aéreas caríssimas.

Os Açorianos das chamadas "ilhas da coesão" não dizem "que bom é ser açoriano" quando as suas pequenas economias estagnam, não se criam novos empregos e o horizonte mais imediato é o da desertificação e do envelhecimento populacional.

Os Açorianos doentes, que se deslocam da sua ilha para tratamento médico, não dizem “que bom é ser açoriano” quando a ajuda diária que o Governo Regional lhes paga é inferior ao apoio concedido a um jogador de futebol.

Os 80.000 Açorianos que não têm médico de família e são obrigados a pagar do seu bolso uma consulta particular ou todos os Açorianos que pagam os tratamentos médicos mais caros do país não dizem “que bom é ser açoriano”.

As centenas de doentes das listas de espera, que sofrem a angústia da falta de tratamento durante meses ou anos não dizem “que bom é ser açoriano”.

Os 18.666 Açorianos que recebem rendimento social de inserção não dizem “que bom é ser açoriano” porque já perderam a esperança de fugir do ciclo da pobreza.

Os 6.714 desempregados não dizem “que bom é ser açoriano” porque não têm uma oportunidade de trabalho.

As vítimas da violência doméstica, crime em que os Açores registam a maior taxa de incidência nacional, não dizem “que bom é ser açoriano”.

**Senhor Presidente**

**Senhores Deputados**

**Senhor Presidente**

**Senhores Membros do Governo**

A pobreza nos Açores é o resultado dum modelo de desenvolvimento sócio-económico que não contém as premissas para a sua erradicação.

Fenómenos como a criminalidade, insegurança ou violência doméstica – em cujos *rankings* os Açores ocupam os lugares da frente – são agravados por ineficazes políticas sociais.

O Governo Regional continua a acreditar que a pobreza e a exclusão social se resolvem apenas com medidas redistributivas.

O Governo Regional faz política partidária com o combate à pobreza e à exclusão social e procura dominar as instituições de solidariedade social.

O combate à pobreza e à exclusão social, antes de ser um problema de políticas sociais é uma questão de política económica.

As políticas dos governos socialistas não conseguiram compensar com as políticas redistributivas as desigualdades resultantes da actividade económica.

As anunciadas políticas de “nova geração” não passaram de duvidoso slogan eleitoral.

Uma parte do que já fez até é bom, útil ou necessário para combater a pobreza e a exclusão social.

O problema não é o que se fez, mas o que ficou por fazer.

Os Açores precisam de recuperar o tempo perdido.

Há uma alternativa às políticas socialistas.